

Por que multinacionais estão enxugando operações ou deixando o Brasil

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Como você se sentiu com essa matéria?multinacionaisFábrica da Ford em Camaçari (BA): multinacional norte-americana anunciou em janeiro o fim de sua produção no Brasil. | Foto: Divulgação/Ford. Ouça este conteúdo Depois de 103 anos no Brasil, a Ford anunciou, em janeiro, o fechamento das três fábricas no país. A montadora norte-americana, que está concentrando esforços na produção de SUVs, vai importar os veículos da Argentina. Antes, em 2019, tinha anunciado o fechamento da fábrica de caminhões. Movimento parecido fez a Sony, que tinha uma fábrica havia 48 anos na Zona Franca de Manaus, onde produzia TVs, câmeras e produtos de áudio. As operações foram encerradas em março. A empresa japonesa justificou o ambiente de mercado e a sustentabilidade dos negócios para findar as atividades no país. Outro gigante que está de saída é a indústria de cimento franco-suíça LafargeHolcim, mesmo diante das perspectivas favoráveis para o segmento. A empresa decidiu, em abril, vender o negócio. O objetivo é o de reduzir a presença no mercado de cimento e ampliar a atuação nos segmentos de materiais e produtos de construção. Também teria pesado a decisão de se concentrar em países de moeda forte e onde possa ter maior rentabilidade. Mesmo empresas da nova economia estão optando por sair do Brasil. A Cabify, que operava serviços de mobilidade em oito cidades brasileiras, alegou a busca por maior rentabilidade e a preocupação com questões sanitárias e socioeconômicas para deixar de operar no Brasil a partir de 15 de junho. Esses retratos mostram a queda do apetite dos estrangeiros pelo Brasil. Desde 2017, pelo menos 21 multinacionais (veja lista ao fim da reportagem) anunciaram a saída do país ou promoveram fortes reestruturações em seus negócios. Veja Também: A economia brasileira está melhor do que se esperava. Seis fatores explicam por quê Por que o investimento produtivo é baixo no país, e como isso limita o crescimento Indicadores mostram baixo apetite do investidor estrangeiro Segundo o dado mais recente, relativo a março, o saldo do investimento direto no país (IDP) – indicador apurado pelo Banco Central que mede a quantidade de recursos estrangeiros aplicados no setor produtivo – acumulado em 12 meses equivale a 2,73% do PIB nacional, patamar similar ao verificado em 2010. Em dezembro de 2018, esse indicador estava em 4,08% do PIB, segundo o BC. Subiu para 4,15% do PIB em maio de 2019, mas passou a cair na sequência, encerrando aquele ano em 3,68% do PIB. O movimento de retração ficou ainda mais forte em 2020, sob forte impacto da pandemia, que reduziu o fluxo de investimentos em nível global. De acordo com estimativa da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), o investimento estrangeiro no mundo todo caiu 42% no ano passado. No Brasil, segundo os dados do BC, o tombo foi um pouco mais forte: o investimento estrangeiro no setor produtivo encolheu 51% em 2020, para US\$ 34,2 bilhões, o equivalente a 2,37% do PIB. Foi o menor valor desde 2009, ano dos principais impactos da crise do subprime. As estatísticas do BC mostram que o investimento estrangeiro no Brasil começou a perder força meses antes da pandemia. Mas, mesmo com ela, o país tinha – em tese – um cenário favorável à entrada desses recursos, que poderia ter contido as perdas. Segundo Mauro Rochlin, professor da Fundação Getulio Vargas (FGV), o Brasil tem um amplo mercado consumidor, com mais de 210 milhões de pessoas; uma indústria ainda relevante entre os países emergentes; estabilidade nas contas externas; valorização das commodities; e um real muito desvalorizado, que torna o país muito barato para a entrada de capitais estrangeiros. Outro termômetro que revela a queda do interesse pelo Brasil está nas fusões e aquisições de empresas. Foram 225 operações com a participação de estrangeiros em 2020, queda de 23% em relação ao ano anterior, segundo a PwC. O número de transações é o menor desde 2010. E, desde o início da série histórica, em 2002, a participação externa no número de negócios nunca foi tão pequena: 22,3% do total. Segundo Mikail Ojevan, especialista da consultoria, em tempos de instabilidade os investidores preferem

navegar em mares que conhecem melhor. Isto explicaria a forte presença do capital nacional nas operações de fusões e aquisições. “O Brasil tem um sério problema de competitividade. O custo Brasil é elevado e a produtividade é baixa”, destaca Victor Scalet, estrategista macro da XP Investimentos. Ainda que a pandemia tenha afetado o mundo todo, há indícios de que o interesse de investir no Brasil diminuiu muito em relação a outros países. Estudo feito pela consultoria internacional Kearney mostra que o país vem perdendo relevância entre as economias mais importantes. Em 2015, o país ocupava o sexto lugar nas perspectivas de investimento direto estrangeiro em um horizonte de três anos. No ranking de 2021, caiu para a 24.^a posição. Outras duas economias emergentes estão em melhor situação: a China (12.^a posição) e os Emirados Árabes Unidos (22.^a). A consultoria aponta que o humor em relação ao Brasil piorou por deterioração na economia, no ambiente de governança e pelas dificuldades no combate à Covid-19. “O Brasil caiu em função da deterioração na economia doméstica e do ambiente de governança. Durante a pesquisa, o país iniciou a campanha de vacinação, que se mostrou lenta. O governo foi acusado de falhar na distribuição de vacinas enquanto negligenciava as ameaças causadas pelo vírus. Também surgiu uma cepa mais letal e mais contagiosa no país. Descontentamentos populares levaram a protestos antigovernamentais em algumas das maiores cidades, incluindo Rio e São Paulo”, aponta o relatório do estudo. Como você avalia o desempenho da economia brasileira neste momento? Carregando...
enquete encerrada resultado parcial Está melhor que no início do ano Está pior que no início do ano Não melhorou nem piorou Deixe seu email para registrar o voto e se cadastrar na newsletter: Aceito receber conteúdos e promoções da Gazeta do Povo, com base nos termos de proteção ao usuário VOTAR Obrigado. Você receberá o resultado da enquete em nossa newsletter. » Acompanhe as últimas notícias Incerteza elevada e baixa expectativa de crescimento para o futuro As incertezas em relação à economia brasileira estão em alta. O risco-país, medido pelo CDS – Credit Default Swaps, título usado como uma espécie de seguro contra inadimplência –, que antes da pandemia estava em 92,92 pontos, quase dobrou de lá para cá. Nesta quinta-feira (20), estava próximo de 178 pontos. Situação parecida mostra o indicador de incerteza da economia, calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ele encerrou abril em 129,4 pontos, 12,4% a mais que antes da pandemia. “As empresas estão olhando para a frente e não veem sinais de estabilidade no longo prazo. Saímos de duas recessões profundas e de uma fase de estagnação nos últimos anos. E as expectativas de crescimento futuro são baixas”, explica o economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale. Uma das razões é a maior vulnerabilidade macroeconômica, que leva em conta o crescimento da economia, a inflação e a dívida pública. Segundo a consultoria, em 2020, entre os países emergentes, o Brasil estava na terceira pior posição, à frente apenas da África do Sul e da Argentina. A frequente mudança nas regras também contribui para ampliar as incertezas em relação à economia brasileira. “É como se estivéssemos num jogo de basquete com o jogador no garrafão, daí o juiz apita, decide que é um jogo de futebol e diz que é pênalti”, diz Rodrigo Franchini, sócio da Monte Bravo Investimentos. Baixo dinamismo da economia e questões fiscais afetam multinacionais A questão fiscal também preocupa e tem impactos sobre a taxa de juro no longo prazo. Em abril, a relação entre a dívida pública e o PIB fechou em 89,3%, segundo o BC. O Bradesco projeta que esse indicador encerrará o ano em 89,7%. Mas há economistas, como Affonso Celso Pastore, ex-presidente do BC, que avaliam que essa proporção pode superar os 100% até o fim do ano. Outra preocupação fiscal é com o resultado primário, a diferença entre a receita e a despesa do governo, desconsiderados os juros. O setor público tem déficit primário desde 2014, e projeções indicam que essa situação pode persistir até perto do fim da década. Depois de um recorde de -9,4% do PIB, em decorrência das medidas tomadas no combate à pandemia, no ano passado, o ponto médio (mediana) das previsões coletadas pelo Banco Central sinalizam para um resultado de -3,1% do PIB, caindo para -0,8%, em 2024. “A situação para os países da América Latina não é das melhores. Eles enfrentam dificuldades estruturais e isto não traz um prognóstico favorável para o futuro. Acaba acentuando a volatilidade”, diz Vale. “Não bastasse isso, no caso do Brasil houve turbulências políticas e econômicas nos últimos anos”. Rochlin, da FGV, lembra que a falta de dinamismo da economia brasileira é anterior à pandemia. “Não estávamos crescendo bem e nada faz acreditar que teremos um crescimento robusto daqui para a frente”, avalia. Dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) mostram que nos últimos dez anos a economia brasileira cresceu em torno de 0,3% ao ano. A média mundial foi nove vezes maior. “Temos baixas taxas de investimento e de poupança, que impedem um crescimento sustentado de 3% ao ano”, complementa Vale. Veja Também: Falta de dinheiro público e problemas em concessões reduzem investimento em rodovias “Briga” entre governo e contribuinte por pagamento de tributos cresce e chega a 75% do PIB Economia passa por concentração setorial e empobrecimento O economista-chefe da MB

Associação diz que o Brasil mostra contradições: enquanto os segmentos de commodities agrícolas e minerais mostram vigor, com forte crescimento, o restante da economia não vai bem. Segundo ele, essa situação leva a uma concentração setorial no Brasil. Esse cenário, diz Vale, favorece empresas que tenham maior conhecimento da realidade brasileira. E também beneficia aquelas com maior fluxo de caixa, em detrimento das empresas de menor porte. “Isso acaba causando uma concentração maior de mercado, levando à oligopolização”, diz o economista. Outro problema afeta a análise de perspectivas por parte das empresas: o empobrecimento da população. Segundo a FGV Social, desde agosto de 2020, pico dos pagamentos do auxílio emergencial, aproximadamente 32 milhões de pessoas saíram da classe C (com renda mensal de R\$ 1.926 a R\$ 8.303) em direção às classes D (de R\$ 1.205 a R\$ 1.926) e E (até R\$ 1.205). “Economia pobre, baixas perspectivas”, sintetiza o economista-chefe da MB Associados. Reestruturações e saídas de multinacionais no Brasil Audi O QUÊ: Montadora alemã deixou de produzir o A3 no Paraná QUANDO: Dezembro de 2020 MOTIVO: Empresa cobra do governo créditos tributários do programa Inovar-Auto Cabify O QUÊ: Fim das operações no Brasil QUANDO: A partir de 14 de junho de 2021 MOTIVO: Segundo a empresa, Brasil segue muito afetado pela grave situação sanitária e pela crise socioeconômica local. A companhia também diz que tem forte compromisso com a rentabilidade dos negócios CRH O QUÊ: Venda das operações brasileiras para a Companhia Nacional de Cimento QUANDO: Outubro de 2020 MOTIVO: A multinacional irlandesa de cimento perdeu dinheiro no país por causa da crise econômica e a filial local tinha participação irrisória nos resultados do grupo Eli Lilly O QUÊ: Fechamento da unidade em São Paulo e transferência da produção para Porto Rico QUANDO: 2020 MOTIVO: Reorganização das suas operações industriais e de seu portfólio Fnac O QUÊ: A rede francesa vendeu as 12 lojas no Brasil à Livraria Cultura QUANDO: 2017 MOTIVO: Desempenho de vendas fraco. Brasil respondia por menos de 2% das receitas do grupo francês Ford O QUÊ: Fechamento das três unidades no país, demissão de 5 mil pessoas e venda de veículos produzidos no Brasil QUANDO: Janeiro de 2021 MOTIVO: Reestruturação global da montadora americana Forever 21 O QUÊ: Fechamento de 11 lojas QUANDO: Fevereiro de 2021 MOTIVO: Multinacional americana não chegou a um acordo na negociação do aluguel em shoppings. Também está em recuperação judicial nos Estados Unidos Glovo O QUÊ: Fim das operações no país, depois de um ano de atuação QUANDO: 2019 MOTIVO: Multinacional espanhola se queixou da alta competitividade no segmento de aplicativos para alimentação, o que exigiria mais investimentos Kiabi O QUÊ: Fim das operações no país (2 lojas), depois de dois anos de atuação QUANDO: Janeiro de 2020 MOTIVO: A marca francesa de roupas, do mesmo grupo de Decathlon e da Leroy Merlin, encerrará operação este mês para investir em mercados mais consolidados Kirin O QUÊ: Venda das operações para a Heineken QUANDO: 2017 MOTIVO: As perdas no Brasil levaram a cervejaria japonesa ao primeiro prejuízo na história. A empresa justificou que seria impossível um negócio rentável e sustentável no longo prazo LafargeHolcim O QUÊ: Venda das operações no Brasil QUANDO: Anúncio foi feito em abril de 2021 MOTIVO: Multinacional franco-suíça quer diminuir presença no mercado de cimento e ampliar participação nas áreas de materiais e produtos de construção. Também busca concentrar os negócios em países de moeda forte e onde possa obter maior retorno financeiro LG O QUÊ: Fechamento da fábrica de celulares no Brasil QUANDO: Anúncio foi feito em abril de 2021 MOTIVO: Está saindo do mercado de celulares, após sucessivos prejuízos na área Lime O QUÊ: Fim das operações no Brasil, após seis meses QUANDO: Janeiro de 2020 MOTIVO: Enxugamento das operações na América Latina tem por objetivo buscar sustentabilidade financeira Lush O QUÊ: Fechamento de lojas e fábrica no Brasil QUANDO: Maio de 2018 MOTIVO: A marca britânica de cosméticos atribuiu a saída à alta carga tributária, prolongada recessão econômica e à instabilidade política. Isto teria tornado impossível continuar investindo e lucrando no país Mercedes-Benz O QUÊ: Fim da produção de carros no Brasil QUANDO: Dezembro de 2020 MOTIVO: O complexo de Iracemápolis (SP) nunca operou com a capacidade total. Em julho de 2020, o CEO da Daimler, Ola Källenius disse ao jornal alemão “Handelsblatt” que a unidade estava operando no limite econômico Nikon O QUÊ: Encerramento das atividades no Brasil QUANDO: Setembro de 2018 MOTIVO: A fabricante japonesa de câmeras fotográficas e microscópios anunciou uma reestruturação global de suas atividades Roche O QUÊ: Fechamento da fábrica no Rio de Janeiro QUANDO: Até 2024. Anúncio foi feito em 2019. MOTIVO: A farmacêutica suíça quer focar em produtos de alta complexidade. Argumenta que os medicamentos produzidos no Rio estavam no fim do seu ciclo de vida e alguns já tinham sido descontinuados, tornando a fábrica pouco sustentável Sony O QUÊ: Fim das operações no Brasil QUANDO: Anúncio feito em setembro de 2020. Fechamento da fábrica de Manaus ocorreu em março de 2021 MOTIVO: A fabricante japonesa de TVs, equipamentos de áudio e câmeras levou em

consideração o ambiente recente de mercado e a tendência esperada para os negócios. A decisão visa fortalecer a estrutura e a sustentabilidade dos negócios para responder às rápidas mudanças no cenário externo Walmart O QUÊ: Venda das operações brasileiras a um fundo de investimentos QUANDO: Agosto de 2019 MOTIVO: A varejista americana adotou a estratégia de recuperar rentabilidade por meio da redução de custos Wendy's O QUÊ: Encerramento das atividades no Brasil (5 lojas) depois de três anos QUANDO: 2019 Motivo: Não explicado Yoki O QUÊ: Fechamento da fábrica de pipoca em Nova Prata (RS) QUANDO: Abril de 2021 MOTIVO: Reestruturação das operações no Brasil para acelerar o crescimento dos negócios da matriz (General Mills) Esta é a primeira reportagem da série Passaporte Carimbado, que mostra os motivos para a saída ou reestruturação de multinacionais do Brasil nos últimos anos. Infográfico: figurinhas A Gazeta do Povo decidiu que não vai deixar os corruptos vencerem. Você vai deixar? Receba agora mesmo um kit anticorrupção com podcast, figurinhas de WhatsApp e uma newsletter exclusiva. Junte-se ao movimento Estou ciente de que o cadastro do meu email será necessário para receber conteúdos sobre o tema e promoções da Gazeta do Povo, com base nos termos da política de privacidade. O descadastramento pode ser feito a qualquer momento neste link. Obrigado e boa leitura! Você faz parte da jornada contra a corrupção. Fique atento ao seu e-mail para conferir nosso kit anticorrupção e outros benefícios. Compartilhe o Kit Anticorrupção com seus amigos Quero saber mais Deixe sua opinião Como você se sentiu com essa matéria? Veja mais matérias que causaram reações nos leitores Atualizado às Encontrou algo errado na matéria? comunique erros Sobre a Gazeta do Povo Use este espaço apenas para a comunicação de erros Seu nome Seu e-mail Sua mensagem Máximo de 700 caracteres [0] Aceito que meu nome seja creditado em possíveis erratas. Aceito receber e-mails da Gazeta do Povo e seus parceiros. Cancelar ENVIAR Sobre a Gazeta do Povo Como você se sentiu com essa matéria? Principais Manchetes Assessorado por ex-marqueteiro do PT, Ciro Gomes sobe o tom contra Lula e Bolsonaro Assessorado por ex-marqueteiro do PT, Ciro Gomes sobe o tom contra Lula e Bolsonaro Retomada do depoimento de Pazuello na CPI da Covid tem bate-boca e foco na crise do AM Retomada do depoimento de Pazuello na CPI da Covid tem bate-boca e foco na crise do AM Privatização da Eletrobras: o que esperar na sua conta de luz? Privatização da Eletrobras: o que esperar na sua conta de luz? Audiência de custódia: medida para dar celeridade à Justiça ou favorecer a impunidade? Audiência de custódia: medida para dar celeridade à Justiça ou favorecer a impunidade? + na Gazeta multinacionais Privatização da Eletrobras: o que esperar na sua conta de luz? Privatização da Eletrobras: o que esperar na sua conta de luz? A Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN) e a Receita Federal esperam que de 10% a 20% dos contribuintes com dívidas tributárias em discussão participem do novo modelo. Governo lança novo modelo de negociação de dívidas tributárias com desconto de até 50% Tarcisio de Freitas, ministro da Infraestrutura, conduziu negociações com os caminhoneiros. O que os caminhoneiros acharam do pacote de medidas anunciado pelo governo Tudo sobre: Audi Bradesco Cabify FMI Ford Fusões e Aquisições Núcleo Econômico Pandemia Passaporte Carimbado Recuperação Judicial XP Investimentos Receba Nossas Notícias Newsletter No Celular Receba nossas newsletters Receber Ao se cadastrar em nossas newsletters, você concorda com os nossos Termos de Uso. Receba nossas notícias no celular WhatsApp Telegram WhatsApp: As regras de privacidade dos grupos são definidas pelo WhatsApp. Ao entrar, seu número pode ser visto por outros integrantes do grupo.